

1973

**Galeria do
Instituto Brasil
Estados Unidos**

instituto de arte

**Vinte e um anos
de Salão Nacional**

Contemporânea

Colaboração do Museu Nacional de Belas Artes

dia 5 de setembro de 1973

RELAÇÃO DOS ARTISTAS PREMIADOS

1944	Milton Dacosta	(1910)
1945	Alfredo Ceschiatti	(1918)
1947	Iberê Camargo	(1914)
1948	Clovis Graciano	(1907)
1950	Livio Abramo	(1903)
1952	Inimá de Paula	(1918)
1952	Marcello Grassmann	(1925)
1953	Fernando Clovis Pereira	(1917)
1953	Augusto Rodrigues	(1913)
1954	Rebolo Gonzales	(1903)
1955	Sonia Ebling	(1926)
1956	Firmino Saldanha	(1906)
1957	→ Ivan Serpa	(1923)
1957	Darel Valença Lins	(1924)
1958	Quaglia	(1928)
1958	Franz Weissmann	(1914)
1959	Benjamim Silva	(1927)
1959	Aldemir Martins	(1922)
1960	→ Aluisio Carvão	(1918)
1961	Ubi Bava	(1915)
1962	Rubem Valentim	(1922)
1962	→ Ana Leticia	(1929)
1963	Loio Persio	(1927)
1963	Abelardo Zaluar	(1924)
1964	Arcangelo Ianelli	(1922)
1964	Fernando Jackson Ribeiro	(1928)
1965	Waldyr Mattos	(1916)
1965	José S. D'Avila	(1924)

Galeria do IBEU

Avenida Copacabana, 690 — 2º andar

Galeria do Instituto Brasil Estados Unidos

PREMIADOS DO SALÃO NACIONAL NA IBEU

Há pouco mais de dois anos, atendendo a uma sugestão feliz de nosso colega Jayme Mauricio, Maria Elisa Carrazzoni realizou, no Museu Nacional de Belas Artes, por ela dirigido com espírito renovador, uma exposição de artistas premiados na Divisão Moderna do Salão de Belas Artes e no Salão de Arte Moderna. A seu pedido, fiz uma nota crítica para o catálogo da mostra, que agora se repete nesta Galeria, com outro sentido. Além das obras premiadas, também aparecem trabalhos feitos atualmente pelos artistas laureados naqueles Salões.

Esse cotejo entre as obras de ontem e as de hoje confere especial atrativo à exposição, à qual estão presentes muitos dos principais artistas brasileiros de nossos dias.

Infelizmente, não participam do acervo aqui reunido alguns dos expositores do MNBA nem Orlando Teruz, o primeiro pintor de tendência moderna a ser premiado no Salão Oficial, com a viagem de estudos no exterior.

São lamentáveis essas ausências, pois desfalcam a exibição de outros artistas talentosos, como Anísio Medeiros e Arnaldo Pedrosa d'Horta, este agora mais dedicado à crítica de arte.

É pena que não estejam também presentes à exposição os premiados depois de 1965 e que já retornaram ao País. Mas, se isso acontecesse, talvez o espaço limitado da IBEU não permitisse a inclusão desses novos premiados.

O conjunto aqui reunido é evidentemente variado, pois estão presentes pintores, escultores, desenhistas e gravadores de tendências diversas, englobando, em consequência, aspectos diferentes da arte brasileira, num período de mais de vinte anos.

Milton Dacosta, pintor de refinada sensibilidade e cuja cotação tem subido constantemente, abre a mostra e aparece, com o brilho que lhe é habitual, como um dos mestres de maior categoria de nossa

Galeria do Instituto Brasil Estados Unidos

pintura contemporânea. O mesmo acontece com Iberê Camargo, cujo vigor e estilo pessoal na abstração lírica são inconfundíveis. É outro mestre, ao lado de Rubem Valentim, na abstração geométrica. Esse último pintor vem produzindo nesse domínio uma arte pessoal, de transposição erudita, na base dos signos místicos ou religiosos do candomblé baiano, seguindo por um caminho original, que o distingue de outros artistas da mesma tendência, não somente no Brasil como no exterior.

Na escultura e no objeto, vêm-se trabalhos muito bons de Ceschiatti, Sonia Ebling, Franz Weissmann e Fernando Jackson Ribeiro, com orientações diversas.

A contribuição da gravura inicia-se com um mestre brasileiro de sua geração, vindo após os pioneiros da Semana de Arte Moderna de 1922, que é Livio Abramo. Também se encontra aqui Ana Leticia, expoente de sua geração de gravadores.

Outra presença auspiciosa é a de Marcelo Grassmann, cujo desenho fantástico faz um contraponto com a caligrafia expressionista de Augusto Rodrigues ou com a arte racionalista de Abelardo Zaluar.

Há, por sua vez, que se examinar atentamente a produção de pintores talentosos como Inimá, Clovis Graciano, Quaglia, Reboloto Gonzales, Firmino Saldanha, Aluisio Carvão, Ubi Bava e Arcangelo Ianelli. E finalmente de Ivan Serpa, morto recentemente e que teve atuação de relevo no Brasil, desde que se iniciou na arte concreta, obtendo logo, com um quadro dessa tendência, um prêmio na I Bienal de São Paulo. Foi também professor de pintura infantil, paralelamente ao trabalho pioneiro de Augusto Rodrigues, criador da Escolinha de Arte do Brasil e igualmente um batalhador incansável, em prol da causa da implantação da arte na educação em nosso País.

Mas, estou certo de que o confronto entre a arte de ontem e a de hoje desses premiados no Salão Nacional constitui, para todos os espectadores, o interesse cultural mais excitante desta exibição.

ANTONIO BENTO